

# República

Director: CARVALHÃO DUARTE  
Director-Adjunto: ALFREDO GUIASO

DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 1969

## MANIFESTAÇÕES NO JAPÃO

KYOTO (Japão), 2 Cerca de 2.300 homens da polícia de choque, protegidos por carros blindados, travaram uma autêntica batalha contra estudantes esquerdistas que lhes fizeram frente com pedras e bombas de gasolina, antes de conseguirem, esta madrugada, tomar a universidade de Kyoto.

Ficaram feridas 230 pessoas — incluindo 90 polícias — durante a luta, que se prolongou até nascer o dia, disse um informador da Polícia.

A polícia de choque, dispondo de mandatos de busca, entrou primeiro na Faculdade de Artes da cidade universitária, a noite passada, onde os estudantes radicais tinham armazenado munições que tencionavam utilizar durante a luta para evitarem a realização dos exames de admissão, que devem começar amanhã.

A Polícia pretendia também proceder a investigações sobre os recentes e sangrentos recontros que se registaram entre organizações rivais de estudantes comunistas, uns favoráveis, outros opondo-se à realização dos exames de admissão.

Os elementos mais extremistas exigiam, também, a revisão dos cursos da Faculdade de Medicina, a participação dos estudantes no governo da universidade e a ampliação dos dormitórios.

Quando os polícias chegaram eram aguardados por cerca de 1.500 estudantes, incluindo alguns de outras universidades, que empunhavam tubos de aço e paus.

Quando os estudantes começaram a apedrejar-los e a utilizar «cocktails» Molotov, a Polícia contra-atacou com canhões de água e gases lacrimogéneos.

Então, quando os estudantes abandonaram as suas posições, procurando entrinheirar-se no outro lado da rua, os polícias, avançando sob a protecção de carros blindados, moveram-se com intensa perseguição e, desmantelando as barricadas erguidas precipitadamente, conseguiram tomar todos os edifícios e o recinto da cidade universitária.

Segundo informadores, até agora apenas foram presos 13 estudantes. Foram também apreendidos mais de 300 «cocktails» Molotov, montes de pedras e grandes quantidades de gasolina, tubos de aço e paus.

O presidente da universidade, Azuma Okuda, declarou que contava com 11 locais fora da universidade.

(Continua na última página)

### Indonésia

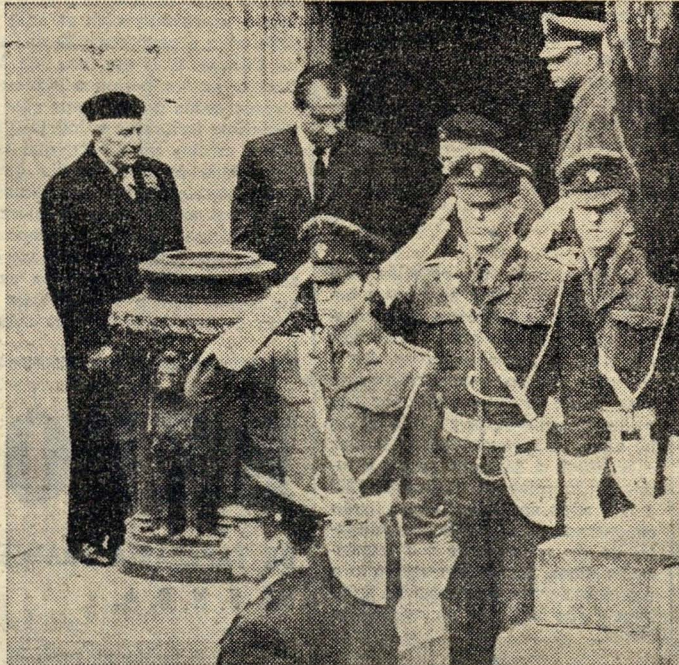
#### A TERRA CONTINUA A TREMER NAS CELEBES

DJAKARTA, 2 — Soldados e civis continuam a remover os escombros dos edifícios destruídos pelo violento sismo verificado a semana passada em Madjene, no sul das Celebes, que causou a morte de 64 pessoas.

Receia-se que ainda haja cadáveres sepultados sob os escombros.

Segundo anunciou hoje a agência noticiosa Antara, o número de mortes pode ainda vir a aumentar visto continuarem a verificar-se tremores de terra na área durante todo o dia de sexta-feira.

As aldeias situadas junto do mar foram varridas por grandes vagas, que destruíram muitas casas, acrescentou a agência. — R.



O presidente Nixon presta homenagem ao soldado desconhecido, na Bélgica

### A VIAGEM DO PRESIDENTE AMERICANO

## NIXON AVISTOU-SE COM CABOT LODGE

PARIS, 2 — O presidente Richard Nixon teve hoje conversações nesta cidade com o embaixador norte-americano Henry Cabot Lodge, chefe da delegação do seu país às conversações de paz no Vietnam.

O presidente levantou-se cedo, saindo dos seus aposentos no Ministério dos Negócios Estrangeiros da França, pouco depois das 8 e 30, hora local, para seguir de automóvel para a Embaixada norte-americana no outro lado do rio onde as conversações se efectuaram.

No encontro participam também Lawrence Walsh, dirigente substituto, e outros membros da delegação.

O vice-presidente sul-vietnamita, Nguyen Cao Ky avista-se também com o presidente Nixon na Embaixada às 10 e 30 TMG desta manhã.

As conversações entre De Gaulle e Richard Nixon, que se prolongaram por dois dias, terminaram hoje com uma sessão final de uma hora.

O presidente De Gaulle deslocou-se ao aeroporto de Orly, a fim de se despedir de Nixon quando este iniciar a viagem de regresso ao seu país, via Roma, a fim de conferenciar no Vaticano com o Papa Paulo VI, entrevista com a qual o presidente dos Estados Unidos encerrará a sua visita de oito dias à Europa Ocidental. — R.

O presidente De Gaulle deslocou-se ao aeroporto de Orly, a fim de se despedir de Nixon quando este iniciar a viagem de regresso ao seu país, via Roma, a fim de conferenciar no Vaticano com o Papa Paulo VI, entrevista com a qual o presidente dos Estados Unidos encerrará a sua visita de oito dias à Europa Ocidental. — R.

VISADO PELA CENSURA

## UM POUCO DE HISTÓRIA

DR. VASCO DA GAMA FERNANDES

Não pôde a Grécia antiga fugir ao jugo dos tiranos e às prepotências das oligarquias. A fealdade é capaz de obscurecer a beleza mesmo quando ela se não revela...

Mas essa fealdade não teve profundas consequências na evolução espiritual dos gregos antigos. Su-

portou as oligarquias, guerreou-as para cair nas mãos dos tiranos da cidade; mas estes, impelidos pela vontade esclarecida das massas, caíram, por seu turno, dos pedestais para dar lugar ao advento da Democracia. Mais rígida em Esparta, cujo espírito estóico é uma deslumbrante relevação da História universal, ou mais compreensiva em Atenas, a verdade é que a Democracia grega cimentou na vida da Humanidade uma argamassa de princípios éticos e políticos, que faz hoje inveja a muitos Estados modernos.

Pode-se fixar em 510 antes de Cristo a data em que os tiranos foram pulverizados porque já o ensinava Aristóteles «não há nenhum homem livre que suporte um semelhante poder».

De muito cedo os gregos, lançando-se no caminho da interpretação dos fenómenos da criação, concluíram que a vida, para ser dignamente vivida, precisa de ser livre; que a ditadura é a negação dessa vida e que o pensamento triunfal e denominador pode enquadrar o homem na sua missão de solidariedade e fraterno companheirismo. É aquele «viver ho-

### A «APOLO-9»

### PARTE

### AMANHÃ

### PARA

### O ESPAÇO

(LER NA ÚLTIMA PAGINA)

(Continua na 2.ª página)

### O SISMO QUE NÃO DEVEMOS ESQUECER

## É RUINOSO O ESTADO do Hospital de S. José

visitado ontem pelo Presidente do Conselho

Lentamente, muito lentamente, a cidade recompõe-se, volta a si. As pessoas readquirem confiança, as camas voltam a ser utilizadas, os cinemas voltam a encher. O sismo vai deslizando para os arquivos da memória e desaparecendo das conversas. Mas até quando?

Longe de pretendermos alarmar quem quer que seja, achamos nosso dever chamar a atenção de todos, especialmente das autoridades, para o facto de que Portugal, e especialmente Lisboa, se situa em zona de grande sismicidade, o que torna necessário um plano especial de urbanização, uma fiscalização rigorosa das construções, uma preparação adequada das populações. Os sismos não se remediavam, previnem-se, ou melhor, devemos prevenirmo-nos contra eles. Parece que no nosso País se têm apostado em ignorar o perigo que espregueia por baixo deste «jardim

à beira-mar plantado». Urbanizações erradas e, até, inexistentes (vide Brandoa). Construções deficientíssimas feitas por mãos criminosas de oportunistas umas e por mãos desesperadas de pobres outras. Ignorância total das mais elementares medidas de protecção por parte do Povo. E a ignorância paga-se muito caro.

Que dizer, então, dos edifícios públicos, como o Hospital de S. José, que se encontram em péssimas condições de segurança?

Aquele estabelecimento hospita-

(Continua nas páginas centrais)



**CONTAS NEGRAS**

**25 MORTOS E 78 FERIDOS EM DESASTRES DE VIAÇÃO DURANTE A SEMANA**

Choque de automóveis e quatro mortos na rampa e curva que leva à passagem de nível de Tancos. Um dos veículos rodava em marcha moderada quando, súbito apareceu outro em descida imprudente e sobre piso molhado. Travagem rápida, precipitada, do segundo carro, que, resvalando, atingiu a faixa oposta e foi enfiar-se no primeiro com extrema violência.

Exemplo!

Quatro feridos no lugar da Estrada, Modivas, Vila do Conde. Um automóvel estacionou para deixar um passageiro. Logo acima parou uma camioneta que, naturalmente, furtou a visibilidade ao condutor do automóvel quando este pretendia recomeçar a marcha. Com efeito, ao fazê-lo, saiu da sua mão para a esquerda, sem precauções, um caminho que existe à esquerda, mas foi abalroado por uma furgoneta que o levou a rodopiar e ir de encontro a um muro.

Exemplo!

Morte de uma automobilista na estrada de Montenegro. Quando a pobre senhora fazia o sinal para virar à esquerda, a fim de tomar o ramal que leva à sua residência, outro automobilista bateu-lhe no guarda-lamas traseiro, de tal modo que o carro da senhora rodou alguns metros sem domínio e precipitou-se num poço.

Exemplo!

Exemplos que podem servir de lição. Exemplos que vêm de há muito mas não servem de lição. Lições que na própria estrada deviam estar a cargo dos respectivos fiscalizadores (P.V.T.) quando houvesse razão de agir perante velocidades e manobras perigosas. Assim o sugeriu o comandante da corporação no encerramento do curso de mais 20 novos agentes: «cumprir da melhor maneira a sua missão, fiscalizando o trânsito, colaborando com os automobilistas, chamando à atenção para os defeitos mais

**Testemunhas perjuras causaram a prisão (por 4 anos) de um inocente**

VISEU — Após ter cumprido quatro anos de prisão dos dezasseis a que fora condenado foi posto em liberdade condicional o ex-soldado da Guarda Fiscal, sr. Mário dos Santos Pinto, casado, de 47 anos, acusado da morte do agricultor Amadeu Trigueiro, de 50, natural de Vilar Formoso.

Provou-se, afinal, que o acusado não matou deliberadamente, em 21 de Outubro de 1963, o agricultor, antes a sua arma se disse o Colégio Militar comemorou a ser agarrada por familiares da vítima, que depois o acusaram falsamente.

As testemunhas perjuras vão ser enviadas a Tribunal, só se podendo depois disso considerar o caso encerrado.

críticos ou importantes do trânsito rodoviário.

● Contas negras durante a semana, na metrópole: 25 mortos e 78 feridos. Desde o princípio do ano até agora: 172 mortos e 841 feridos. Contas do ano passado (não oficiais): 1249 mortos e 6215 feridos.

**RESCALDO DO SISMO — 13 mortos até este momento**

Até agora, eleva-se a treze o número das pessoas a quem o sinistro custou a vida, todas elas, aliás, vítimas não de ferimentos, mas da comocão causada pelo abalo. Apenas duas excepções: o jornalista José António Pinela, de 62 anos, de Monte Estodeiras, Sines, que, encontrando-se internado no hospital daquela vila, foi atingido pelo desmoronamento do tecto da enfermaria, tendo sido transportado para o Hospital de S. José, onde veio a falecer, e o sr. João Gregório dos Reis, de 51 anos, que encontrou a morte sob os escombros da sua própria residência, no lugar de São João (Lagos).

No que se refere a Lisboa, há a registar a morte dos srs. António Arraiano, de 71 anos, industrial, morador na Avenida Almirante Reis, 66, 3.º esquerdo; tenente Henrique Carvalho da Silva, também residente na capital; Jean-Pierre Menjuzan, de 72 anos, cidadão francês, exportador de conservar e antigo cônsul do seu país em Lisboa, domiciliado na Rua das Praças, 158, 2.º, esquerdo, e dr. Amândio da Mota Veiga, de 80 anos, aposentado das C. R. G. E., onde exerceu as funções de chefe da tesouraria, pai do sr. José Baptista da Mota Veiga e tio do sr. dr. António Jorge da Mota Veiga, antigo ministro de Estado.

Na Amadora, onde residia, na Praceta Marquês de Castelo Novo, 1, rés-do-chão, direito, foi acometido de congestão cerebral o pedreiro sr. José António Mourão, de 74 anos, que veio a falecer no Hospital de S. José.

No Barreiro, outra vítima de síncope: a sr.ª D. Clementina Rosa Dias, de 74 anos, moradora no Largo Luís de Camões, 19, porta 3. Em Miragaia (Pinhel), a comocão fulminou também o sr. Joaquim Miguel Patrício, de 70 anos, casado.

Na região de Montemor-o-Novo, dois óbitos se verificaram em idênticas circunstâncias. Trata-se dos srs. Custódio José Pinto, de 59 anos, casado, natural de São Gens e residente no Monte dos Gaviões, e Lino Lopes, de 83, solteiro, natural de Alpalhão e morador no lugar de Cabrela.

Também em Sabugosa (Viseu), o seralheiro sr. Francisco Neves, de 55 anos, casado, que se encontrava de cama com uma perna fracturada devido a um acidente recente, tão angustiado se sentiu com a sua própria impossibilidade de fugir que acabou por sofrer um ataque cardíaco fatal.

**O estado do Hospital de S. José**

(Continuado da 1.ª página)

lar, com uma capacidade de 1100 camas e constituindo, além disso, o principal hospital de pronto-socorro de Lisboa, viu serem evacuados das suas enfermarias 992 doentes, a quem foi dada alta. Afinal a quase totalidade dos doentes internados.

O sismo provocou no velho edifício distorções perigosíssimas, agravando uma situação já antiga. Em muitas enfermarias o estuque do tecto esborou-se sobre as camas dos doentes e fendas ameaçadoras abriram em vários pontos.

As condições em que se encontra o edifício são de tal modo graves que o sr. presidente do Conselho, acompanhado pelo ministro da Saúde, deslocou-se ali ontem, tendo percorrido demoradamente as várias enfermarias, agora desertas. O chefe do Governo esteve, nomeadamente numa en-

fermaria do Sector 9, de fracturas e ortopedia, onde, lhe foi dito, que a eclosão de um incêndio provocaria a morte de 300 doentes, e no caso de se proceder a beneficiações, esse número desceria para 150 — de acordo com um relatório do B. S. B. No principal estabelecimento hospitalar do País, isto é simplesmente inacreditável.

O bloco operatório ficou inutilizável. No primeiro piso houve desmoronamentos, só não agravados pelo facto de a enfermaria do andar de cima ter já sido evacuada. Enfim, o estado do hospital mereceu do presidente do Conselho este comentário: «Se fosse um pouco maior (o sismo), teria sido uma tragédia».

O ministro da Saúde referiu-se, no decorrer da visita, à possibilidade, em estudo, da construção de um novo hospital, indicando a sua localização na Quinta do Monte dos Coxos, por detrás da Fonte Luminosa. S. José passaria unicamente a funcionar como posto de socorros de urgência. Cremos que a obra é inadiável, ou poderá admitir-se a hipótese de voltar a utilizar, como centro hospitalar, o ruinoso edifício do antigo convento de Santo Antão-o-Novo, construído no século XVI?

O presidente do Conselho esteve, também, no Hospital de Curry Cabral, para onde foram transferidos alguns doentes do Hospital de S. José. A maior parte dos doentes teve alta — uma alta tor-

nada necessária pela impossibilidade de os alojar noutros estabelecimentos hospitalares.

**Diminuiu o ritmo de chamadas para o B. S. B.**

No quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros, continuam a ser recebidos numerosos pedidos de socorro, embora o ritmo tenha diminuído em relação a ontem. As 10 horas, registavam-se cerca de 70 apelos. Ontem à tarde elevaram-se a 400.

As situações que se têm deparado aos bombeiros são quase sempre as mesmas: empenas, chaminés e cornijas destruídas, tectos esboroados, paredes fendidas.

Da Câmara Municipal de Lisboa, recebemos o seguinte officio:

«Como resultado do tremor de terra da madrugada de 28 de Fevereiro p. p., têm sido feitas centenas de pedidos de socorro, ao Batalhão de Sapadores Bombeiros, para chaminés, coberturas, platibandas, sacadas, etc., que ameaçam cair, representando perigo para os transeuntes e para os inquilinos.

Os bombeiros têm acorrido, na medida do possível, aos locais da chamadas e tentado resolver muitas das situações de emergência.

Devido à grande afluência de pedidos há, ainda, muitas chaminés, coberturas, varandas, etc., carecidas de assistência urgente, por constituírem perigo para os transeuntes e locatários dos prédios, muito principalmente se houver vento ou chuva.

Chama-se a atenção dos proprietários ou seus representantes de que lhes incumbe a eles, e não aos bombeiros, a execução desses trabalhos com a maior urgência, pelo que devem tomar as providências julgadas necessárias.

Os ocupantes dos prédios, enquanto essas reparações não forem executadas, devem seguir as recomendações dadas pelos bombeiros, desocupando as dependências em que haja possibilidade de riscos de vida, devido a queda de chaminés, ou outras derrocadas».

Nas cadeias, gerou-se grande pânico entre os reclusos, nomeadamente nos calabouços do Governo Civil e da Polícia Marítima. Os guardas tinham ordem para abrirem as portas se houvesse ameaça grave de derrocada.

**HOMENAGEM A TOMAZ ALCAIDE**

ESTREMOZ, 2 — Esta cidade prestou hoje homenagem à memória de um dos seus mais ilustres filhos, que foi o grande cantor lírico Tomás Alcaide.

Foi dado o seu nome a uma das ruas da cidade, o maestro dr. João de Freitas Branco evocou a vida e a obra de Tomás Alcaide.

A noite, no palco do Teatro Bernardim Ribeiro, será representada a ópera «Rigoletto», de Verdi, pela Companhia Portuguesa de Ópera.

**ALGARVE — A região mais atingida (Numerosas famílias desalojadas)**

O Algarve, região mais próxima do epicentro e de formação geológica mais recente, foi a zona mais afectada pelo sismo. Para isso contribuiu em muito a fragilidade e deficiente construção da grande maioria das casas, especialmente as mais antigas. A atestar o facto é de salientar que entre as numerosas construções que ruíram ou abriram fendas, não se encontra nenhuma das mais recentes edificações.

Também as chuvas que têm caído copiosamente no Algarve contribuíram para que a situação se agravasse. Com efeito, as águas das chuvas infiltrando-se nas fendas, abertas, em consequência do sismo, aumentam o risco de outras construções ruírem.

Para avaliar a extensão dos estragos, e estudar as providências a tomar, o ministro das Obras Públicas, acompanhado de técnicos do seu Ministério, deslocou-se hoje ao Alvarve, onde, em companhia do governador civil de Faro, visitou as localidades que mais sofreram. Entre estas contase Bensafim, onde, segundo declarações do governador civil de Faro, ruíram mais de 30 casas, na totalidade habitadas por famílias de fracas posses, afinal as que mais sofreram com o sismo.

O ministro deslocou-se, a seguir, a Lagos onde visitou o hospital da Misericórdia que também sofreu graves prejuízos.

Ao fim da tarde o ministro reuniu-se, em Faro, com o governador civil desta cidade e os presidentes

**Rotary Clube de Lisboa**

Realiza-se no dia 4 do mês corrente pelas 12.45, no Hotel Tivoli uma reunião durante a qual o dr. Henrique Moutinho versará o tema «O Centro Infantil Helen Keller — 15 Anos Depois... Prestação de Contas da Accção Rotária». A palestra é precedida de um documentário filmado.

**DOUTORAMENTO EM ENGENHARIA ELECTROTÉCNICA**

Perante um júri a que presidiu o vice-reitor da Universidade Técnica prof. doutor António Maria Godinho e de que faziam parte, além de todos os catedráticos em exercício do Instituto Superior Técnico os professores doutores José Gomes Ferreira da Universidade de Lisboa, José Moreira de Araujo e Francisco Vêlez Grilo da Universidade do Porto e Luís Vaz de Sampaio da Universidade de Coimbra, concluiu brilhantemente as suas provas de doutoramento em Engenharia Electrotécnica o senhor eng. João Fernando Poñe Figanier.

Foram arguentes das provas realizadas os srs. profs. eng. Carvalho Fernandes, Vêlez Grilo e Abreu Faro. Concedido o grau por unanimidade foi atribuída ao novo doutor a elevada classificação de dezanove valores.

O doutor engenheiro João Poñe Figanier foi cumprimentado pelo júri e por colegas e amigos que assistiram e acompanharam com vivo interesse as suas provas.



# O TERRAMOTO DE 1755

## QUE DESTRUIU GRANDE PARTE DE LISBOA E AFECTOU GRANDEMENTE OUTROS PONTOS DO PAÍS SENDO CONSIDERADO O MAIOR DE QUE HAVIA MEMÓRIA

### (CONCLUSÃO)

As primeiras providências tomadas foram de ordem doméstica. O rei mandou matar os animais que havia na quinta de Belém, no sítio ainda hoje conhecido pelo Pátio dos Bichos, que era um embrião de jardim zoológico, para evitar o soltarem-se as feras com a derrocada, caso se desse naquela parte maior ruína. Nada foi tentado para dominar o fogo que durante três dias transformou a Baixa num imenso brasero. Apenas alguns particulares, para os lados da rua da Boavista, abriram valas, a fim de evitar que o incêndio se propagasse para o extremo oeste da cidade. Para impedir os roubos e depravações, logo a 4 de Novembro, foi lavrado um decreto mandando erigir forcas em vários pontos, como Cruz de Buenos Aires, obras do conde de Tarouca, à Cotovia, Rossio e Cruz dos Quatro Caminhos, nas quais eram, sumariamente, executados quantos malfetores foram surpreendidos a praticar roubos ou a transportar produtos de saques. Eram enforcados às dúzias, todos os dias seguintes, improvisando-se carrascos, recrutados entre os mouros das galés. Parece que se cometeram muitas injustiças, pois algumas pessoas que depois do incêndio se dirigiram aos sítios das suas casas, para recolher valores que tivessem sido poupados, ao voltarem para os seus refúgios, foram tomados, pelas patrulhas e quadrilheiros, como malfetores e executados sem forma de processo.

O conselho de «sepultar os mortos» não teve de ser seguido, pois o incêndio carbonizou os corpos dos que mortos ou feridos, ficaram sob os escombros. Isso, embora fosse horroroso, teve a vantagem de evitar a putrefacção dos cadáveres e o desenvolvimento de miasmas, numa cidade que já não primava pela sanidade e higiene. Quanto a «curar dos vivos», a

despeito de terem escasseado os géneros, pois os armazéns de cereais do Terreiro do Trigo arderam totalmente o mesmo sucedendo a muitos estabelecimentos do comércio, foi feita larga distribuição do que se salvou, nunca faltando o pão. A casa real, as dos nobres e ordens religiosas acudiram, largamente, às necessidades da população, grande parte da qual, aliás, saiu da capital, indo refugiar-se em terras da província, receosa de novos desastres que frequentes abalos de terra faziam prever. O sobressalto dos que ficaram em Lisboa era constante, não só pelos sucessivos sismos, como pelas pregações dos frades, que ameaçavam com novas catástrofes como castigo da impiedade. Quase todos os dias se realizavam procissões de penitência, em que se incorporavam pessoas de todas as categorias, descalças, com cruces e pedras às costas ou mesmo crucifixadas, entoando ladainhas e clamando: «Misericórdia!» O medo que se apossou da população de Lisboa foi tal que, durante muitos anos, até os começos do século passado, as pessoas não caminhavam pelas ruas a par, mas atrás umas das outras, em fila indiana, pelo meio

das ruas, com receio das pedras que poderiam desprender-se dos edifícios.

Aos poucos, foram-se construindo barracas primeiramente com lonas e valas, depois de madeira, de tabique como então tinham, nos terrenos livres da Cotovia e da Estrela, de Sta. Clara, no Rossio e Terreiro do Paço, nas praias e outros pontos onde isso era possível. As madeiras vindas do Brasil foram isentas de direitos assim como o pescado e alguns géneros de primeira necessidade. Escasseavam os materiais de construção, sobretudo as telhas e com as aproveitadas de alguns edifícios derrocados foram feitos bons negócios, a ponto de os proprietários de casas que tinham ficado indemnes as destelharem só para vender as telhas. Foi criada a Intendência da Telha e Cal, que superintendia em todos os fornos e fábricas desses materiais, os quais só eram fornecidos mediante requisição autorizada e acompanhada do ponto do destino por escolta, para evitar assaltos. Escasseou, também, a mão de obra, sendo pagos aos carpinteiros e pedreiros salários que iam até 500 réis por dia, soma então extraordinária.

ruamentos da parte baixa de Lisboa e os inestéticos prédios dessa área. Injustamente são deixados em segundo plano os nomes dos arquitectos e engenheiros que presidiram à reedificação da cidade, que foram Manuel da Maia, Carlos Mardel e Eugénio dos Santos. A eles se devem as providências técnicas para as novas construções, com o objectivo de prevenir futuros terramotos, como as gaiolas de madeira a formar o esqueleto dos edifícios, os toros de pinho a servir de assento aos alicerces e o limite dos andares, que ao princípio era de três.

O plano geral da reconstrução foi discutido com o ministro Carvalho e Melo e talvez com o rei, embora este sempre se mostrasse desinteressado dos negócios públicos, preferindo-lhes os trabalhos de torno. Vários foram esses projectos, sem falar no dos proprietários das grandes casas arruinadas, que as queriam ver reedificadas tal como eram antes, no mesmo local e disposições. Um desses projectos, baseado no facto de a parte a oeste de Santos ter sido poupada pelo terramoto, pretendia que aí, por Sto. Amaro, Belém, Dafundo, fosse construída a nova Lisboa, abandonando-se a parte velha que seria aformoseada com jardins, permitindo-se que o braço do Tejo voltasse a invadir a Baixa, até a altura do Rossio, como antigamente. Outro projecto visava a aproveitar o entulho proveniente dos desmoronamentos para altear a parte central da cidade, de modo a ficar quase ao mesmo nível S. Pedro de Alcântara e o Castelo. Escadarias dariam acesso ao Tejo desaparecendo, a bem dizer, todas as colinas. Num ou noutro projecto seria mais bela a cidade reconstruída.

Nenhum desses projectos foi avante, prevalecendo um, intermédio, que previa reedificar totalmente a parte mais danificada a Baixa, do Terreiro do Paço ao

Rossio, e reconstruir os prédios gemelados noutros pontos. Mantinha, mais ou menos, o traçado antigo, sendo apenas alinhadas algumas ruas, suprimidos becos e alargadas certas artérias. As ruas da Baixa, traçadas em esquadria — segundo o modelo da cidade de Turim e outras urbanizações já em uso no século XVII — foram consideradas, por alguns, como uma genial concepção do ministro Carvalho e Melo. Passa este por ser o reedificador de Lisboa e, por sua iniciativa, foi erigida a vistosa estátua equestre de D. José, no centro do Terreiro do Paço, estátua e praça que são das mais belas do mundo, em memória do monarca e do estadista que teriam restaurado Lisboa. No entanto, o rei morreu e o ministro, já feito conde de Oeiras e marquês de Pombal, foi apeado da ditadura a que se alcançara e Lisboa estava muito longe de se encontrar reedificada. Nos começos do século XIX eram ainda muitas as ruínas espectaculares, como as da igreja do convento do Carmo que chegaram até nós.

Foi posta de parte a ideia de ser construído o palácio real na Estrela, nos terrenos onde está o Regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro; mas foi construída cerca desse local, embora já no reinado seguinte, a monumental basílica do Coração de Jesus. Adespeito da antiguidade e prestígio da basílica de Sta. Maria, antiga Sé, começou a construir-se uma Sé Catedral no alto da Cotovia, que depois ardeu ficando o sítio a ser conhecido pela Patriarcal Queimada. Muitos solares, como o dos duques de Bragança, ao fundo da actual rua António Maria Cardoso, foram reconstruídos com o aspecto de banais moradias burguesas. Reedificaram-se vários conventos, depois utilizados para repartições públicas — o da Boa Hora, o de S. Francisco, etc. — mas não se reconstruiu o Hospital de Todos os Santos, de que o terramoto aniquilou quanto restava de incêndios anteriores. Só muitos anos depois Lisboa teve uns Paços do Concelho, faltando-lhe sempre — e ainda hoje — aqueles edifícios principais que são o orgulho dum grande capital. A parte as arcadas e secretarias de Estado no Terreiro do Paço, algumas igrejas e o quadrilado da Baixa, Lisboa pouco aproveitou, em melhoramentos e beleza, com a terrível catástrofe de 1 de Novembro de 1755. O ministro Carvalho, porém já está no alto da Avenida da Liberdade, com Lisboa aos pés, numa homenagem àquilo que não fez e poderia ser feito como ditador omnipotente que foi.

## OS VÁRIOS PLANOS PARA RECONSTRUIR A CIDADE

Para acudir às vítimas do terramoto foram recebidos donativos em dinheiro e materiais, vindos de diversos países, nomeadamente da Inglaterra. Foram mandadas ir das províncias para a capital várias unidades militares, cujas praças, juntamente com a população, promoveram primeiramente a desobstrução das principais

artérias, a remoção dos entulhos e por fim a reconstrução. Esta foi objecto de vários planos, alguns dos quais pena é não terem sido executados. A solução encontrada é atribuída ao ministro Carvalho e Melo, dando-se o nome de pombalino ao estilo — se assim se lhe pode chamar — em que foram reconstruídas em esquadria, os ar-

### II

Em Janeiro de 1944, o sr. P. D. H. Dunn, Comissário para os Recursos Naturais, apresentou um plano geral para o futuro desenvolvimento da indústria de pesca. Declarou Dunn que a indústria de bacalhau seco não oferecia condições para proporcionar aos pescadores um grau razoável de conforto económico. Afirmou que, entre os anos de 1870 e 1939, tinha sido notado um pequeno aumento do número de quintais (unidades de 112 libras peso) exportados anualmente. Ainda por cima ao passo que o custo de vida aumentou de 3,84 para 4,48 dólares no decurso do período de 60 anos. «Certos observadores superficiais têm responsabilizado os comerciantes ou os pescadores, pelo estado em que se encontra a indústria», declarou Dunn, «mas a verdade é que tanto uns como os outros foram colhidos numa rede de circunstâncias internas e externas da qual não conseguiram libertar-se».

Uma das malhas mais fortes da rede interna foi o chamado sistema «truck». Esse sistema de se entregarem as mercadorias a crédito, na expectativa do fornecedor receber a produção do pescador, já se encontra há muito moribun-

do, embora ainda tenha impulso só perto do fim da Segunda Guerra Mundial, e o seu fim foi acelerado pela adesão da Terra Nova à Confederação do Canadá e consequente entrada em vigor do plano governamental de assistência social que colocou os pescadores em situação económica mais desafogada.

O Comissário Dunn, ao rejeitar o conceito de que o «peixe» significava unicamente «bacalhau», fez ver a necessidade de serem também pescadas outras espécies capazes de obter melhores preços nos mercados. Estas espécies deveriam ser vendidas nos estados frescos, fresco-congelado e, também, curado na maneira tradicional. Recomendou o uso de todos os meios modernos disponíveis, para a preparação do peixe destinado a exportação; e sugeriu a concentração da indústria em cerca de 15 centros convenientes, situados nas proximidades de fábricas de tratamento. Estas seriam tão prósperas que acabariam por induzir pescadores e suas famílias a abandonar localidades isoladas em que lhes seria praticamente impossível atingir um nível de vida desafogada.

A mais notável proposta de Dunn foi a de que o Governo concedesse empréstimos aos industriais que se manifestassem decididos a conduzir a pesca de acor-

## NOVAS PESCARIAS PARA A TERRA NOVA

do com os sistemas modernos. Declarou que a Terra Nova deveria, mais ou menos, voltar as suas costas aos tradicionais mercados de bacalhau salgado, na Europa e na América Latina. E manifestou o parecer de que a indústria deveria concentrar-se sobre o processamento de peixe fresco-congelado, destinado aos países do hemisfério ocidental onde a refrigeração e os produtos refrigerados já faziam parte do sistema geral da vida.

Dado tal encorajamento, a indústria privada começou a estabelecer fábricas de processamento em partes muito dispersas da Terra Nova, ao ponto de, em 1949, já existirem 10 com cerca de 24 milhões de libras-peso anuais de produção. O desenvolvimento continuou depois da desão da Terra Nova à Confederação do Canadá, se bem que, a princípio, o governo da nova província canadense tivesse dedicado grande parte da

sua energia e dos seus recursos a um programa de «desenvolvimento económico» que sublinhava especialmente a criação de grande variedade de indústrias manufatureiras. Atrás deste programa, no entanto, estava a esperança de que ele contribuisse para acelerar o movimento no sentido da centralização, convidando-se os pescadores a saírem do seu estado de isolamento, com todas as suas desvantagens económicas e sociais, para darem entrada num período de revolução industrial na Terra Nova.

Em 1951, o Governo, depois de ter lançado o seu programa de desenvolvimento económico, decidiu lançar um olhar prescrutador sobre a indústria de pesca, e criou uma Comissão de Desenvolvimento da Pesca, por acordo com o Governo Federal. Os objectivos dessa Comissão eram os seguintes: a) recursos de pesca; b) economia dos métodos de pesca em existência; c) economia dos mé-

todos existentes de processamento. Chefiada pelo falecido Juiz Sir Albert Walsh, a Comissão apresentou um interessante e longo relatório.

CONTINUA

DI  
VUL  
GA  
ÇÃO